



LETRAMENTO LITERÁRIO: ANÁLISE DE VIVÊNCIA COM O GÊNERO FÁBULA

Marileide Bezerra da Silva; Leide Daiana de Oliveira Silva; Ana Lúcia M. de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba, mary32002@hotmail.com

RESUMO: O professor, quando no trabalho com a leitura do texto literário na escola, tem atuação fundamental, pois é a partir de seu planejamento que poderá ou não oferecer ao aluno um encontro significativo com o texto. Para tanto, precisa estar fundamentado teórico e metodologicamente, em estudiosos da área, para planejar de maneira intencional e construtiva aulas voltadas para a admiração dos bens simbólicos e estéticos que constituem o patrimônio nacional, tendo acesso pela leitura a novas ideias e a novas concepções. trabalhamos com o gênero fábula, em uma turma do 7º ano, em uma escola pública do município de Campina Grande – PB, analisando algumas possibilidades de interação dos alunos com textos da literatura para o desenvolvimento das habilidades de leitura, compreensão e fruição. A metodologia foi norteadas pelas indicações de Cosson (2006), a partir de sua denominada “sequência básica”: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação. Para embasar a elaboração da proposta e a discussão da experiência vivenciada, recorreremos às contribuições dos estudiosos: Cosson (2006), Souza (2011), Soares (1999), dentre outros.

Palavras-Chave: Leitura, Fábula, Letramento literário.

INTRODUÇÃO

Os estudiosos Soares (1999), Souza (2011) e Cosson (2006) consideram fundamental para a formação de leitores no ensino fundamental a leitura do texto literário, seja ele em prosa ou poesia. Várias pesquisas mostraram ao longo das últimas décadas que a leitura literária além de preencher o mundo imaginário das crianças, desperta o senso crítico, contribuindo para que o leitor posicione-se criticamente face à realidade.

No que concerne ao trabalho com a leitura na escola, destaca-se, muitas vezes, a ausência de práticas que possibilitem ao professor ministrar aulas menos estruturais, passando a ver a literatura com um olhar mais atrativo, dinâmico e significativo, fazendo com que o sujeito-leitor possa tecer questionamentos investigativos acerca da sua cultura, utilizando-se de seus conhecimentos de mundo e linguísticos.



Assim sendo, o objetivo do estudo aqui apresentado incide na análise de uma sequência didática, baseada na proposta de Rildo Cosson (2006), a partir da experiência realizada na turma do 7º ano em que ministramos aulas, em uma escola pública do município de Campina Grande – PB. A experiência foi aplicada no período de 29 de agosto a 19 de setembro, com o intuito de trabalhar a leitura das fábulas: “**O leão e o ratinho**” (Monteiro Lobato), “**Hierarquia**” (Millôr Fernandes), “**O Leão e Rato**” (La Fontaine), “**A Cigarra e as formigas**”, versões de Esopo e Monteiro Lobato.

A escolha por esse tema partiu de observações feitas, desde quando cursava o ensino médio, a respeito do modo como eram conduzidas as aulas de literatura e a atenção dada ao texto literário na sala de aula. Como professora de Língua Portuguesa de turmas do ensino fundamental II, percebemos que os alunos não têm prática de leitura do texto literário, muitos afirmam não gostar de ler e que na escola só liam o que fosse necessário para responder às atividades, propostas, geralmente, no livro didático. Ciente desta realidade buscamos no curso de Letras, embasamento teórico e metodológico para trabalhar em sala de aula o texto literário de maneira a contribuir com a formação dos alunos como leitores, podendo, a partir da nossa prática, instigar outros colegas professores a repensarem seu trabalho com o texto literário.

Pensando a formação do sujeito leitor, e refletindo acerca da prática de formação do mesmo, quando nas aulas de literatura ao longo dos quatro anos do ensino fundamental da educação básica, o trabalho em sala de aula com o texto literário chega a ser na maioria das vezes, quase ausente, apesar da sua relevância, conforme destacam os PCN (2001, p.67):

A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas, dependendo da história de cada indivíduo. Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra em outro momento de leitura do mesmo texto. E é dessa troca de impressões, de comentários partilhados, que vamos descobrindo muitos outros elementos da obra.

Nessa perspectiva, tenho como propósito desenvolver e analisar uma proposta de trabalho com o gênero fábula, tendo como objetivo principal estabelecer entre o leitor e o texto literário uma interação baseada em quatro relações fundamentais, conforme aponta Ricardo Azevedo (2004): no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação.

De acordo com Pinheiro (2001, p.23), quando o jovem leitor tem contato com obras literárias mais próximas de sua realidade, tendo, assim, “mais chances de ver representado



nelas suas dúvidas, seus anseios, seus medos, seus projetos, mas também seus preconceitos, sua condição de classe, numa palavra, parte significativa de sua vida”, esta leitura torna-se mais atrativa. Isso porque, segundo Bragatto Filho (1995, p.14) com o texto literário:

Aprende-se, compara-se, questiona-se, investiga-se, imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão lingüística adquire-se cultura e contata-se com as mais diferentes visões do mundo, etc.

Contudo, os autores mostra-nos que o texto literário conduz a um leque de conhecimentos que abrangem não só o mundo da leitura, mas o meio em que vivenciamos a cada dia, a partir do que aprendemos através da leitura, seja literária ou não, temos base, argumentos para lidarmos com cada situação que nos é proposta.

Para uma melhor visualização do trabalho realizado, organizamos o presente artigo em três partes. Na primeira, discorreremos sobre a leitura literária nas turmas do 6º ao 9º ano. Na segunda descrevemos aspectos metodológicos da pesquisa, tais como: tipo de pesquisa, caracterização dos sujeitos envolvidos, proposta de atividade aplicada. Na terceira e última parte analise do trabalho desenvolvido com o gênero fábula no 7º ano.

1. A LEITURA LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Podemos destacar que, para a formação de leitores, devemos começar a trabalhar a leitura literária com as crianças, ainda pequeninos, começando com os pais lendo historinhas para eles, como fábulas, contos e minicontos. Na escola, é importante a efetiva presença da leitura nas séries iniciais, de formas lúdicas, não como atividade mecânica, mas com rodas de leitura, dramatizações de obras, saraus etc, instigando a formação de leitores talentosos, capazes de assimilar e interpretar textos, realizarem inferências e sínteses. Como afirmam os PCNs (2001, p. 58):

Formar leitores é algo que requer, ..., condições favoráveis para a prática de leitura – que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis..., pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

Nessa perspectiva, a formação do leitor como destaca os PCNs, não é algo tão fácil assim, mas que não é impossível formar bons leitores literários, para tanto, faz-se necessário que o projeto político-pedagógico da escola priorize esta ação, visando o letramento literário dos alunos.

Segundo Magda Soares, o “Letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2009, p.18). O trabalho com a leitura, vislumbrando o letramento precisa ter em mente que:

Letramento não é um gancho em que se pendura cada som enunciado, não é treinamento repetitivo de uma habilidade, nem um martelo quebrando blocos de gramática. É diversão, leitura à luz de velas, ou lá fora, à luz do sol, sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. É também notícias sobre o presidente, o tempo, os artistas de TV, e mesmo Mônica e Cebolinha. Ou seja, é um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser. (SOARES, 2009, p. 42- 43).

Baseando-se em Passos (2007), cada vez mais, há uma ausência de leitura literária na sala de aula. Nos próprios Livros Didáticos percebe-se que os poucos textos literários que lá aparecem são fragmentados, raramente tem algum que seja na íntegra. Logo, essa negação de apresentar o texto literário na íntegra nos livros didáticos, cada vez mais aumenta a ausência ou carência de leitura que venha a formar um sujeito leitor e humanizado.

Passos (2007) também afirma que os livros didáticos, em geral, são muito fechados. Não só nas respostas presentes no livro do professor, mas também na maneira como as perguntas são feitas. Essa prática negligencia a relação existente entre texto e leitores ao cobrar-se respostas objetivas e fechadas em textos subjetivos e abertos, como os literários, já que, segundo Soares(1999), o contato da criança com os textos literários deve ser por prazer.

Observando-se algumas coleções de língua portuguesa da educação básica, a exemplo de *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart (1.ed. São Paulo: Moderna, 2012), percebe-se que grande parte dos textos poéticos são descaracterizados ou usados apenas para o estudo dos aspectos formais ou para fins gramaticais, perdendo-se a oportunidade de explorar o lúdico presente nos poemas e a leitura como objeto de formação sócio – cultural do aluno.-

Segundo Maia (2007), nem toda criança alfabetizada é leitora, e isso também não significa que essa criança que foi alfabetizada irá se tornar um leitor no futuro, pois diversos estudos indicam que a criança que não aprendeu a ter prazer em ler nos anos iniciais de alfabetização consequentemente não será um bom leitor.

Enquanto o texto literário continuar sendo trabalhado ATRAVES de fichas de leitura encomendadas pelo professor com as seguintes informações: título da obra, nome do autor,

descrições das personagens principais e secundárias, além de outros detalhes superficiais que não avaliam, com clareza, a compreensão do texto (SILVA, 2003, p. 61).

Na escola, com a imposição das leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, fazendo com que deixem de gostar de literatura. Segundo Souza (2011):

...a leitura de obra literária torna-se um fator problemático quando ela é feita apenas sob viés pedagógico, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim alheio às propriedades singulares da criação artística (quando, por exemplo, sua leitura se realiza para o estudo da história, das ciências sociais, da higiene, da religião etc.).

Portanto, a leitura literária na sala de aula deve objetivar que o leitor queira ler mais e mais, fazendo com que ele torne-se um leitor por prazer e não leia por imposições e com fins apenas pedagógicos.

2. O GÊNERO FÁBULA: DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Todorov (*apud* OLIVEIRA, 2011) notabiliza que essa narrativa é o gênero mais profícuo da representação pura, ou seja, é uma premissa de sentido duplo, tendo em vista que o próprio (sentido) apaga-se por absoluto. E para Moisés (1982, p. 226, *apud* OLIVEIRA, 2011) é um relato curto, fácil de ser identificada com a ficção e a alegoria, em razão da moral, implícita ou explícita que encerra a fábula e de sua estrutura dramática.

2.1 A origem das fábulas

Afirma-se que a origem da fábula está vinculada ao legendário escravo grego Esopo que viveu por volta do século VI a.C. Considerado o inventor, pai da fábula. Pois conta-se que quando ele, ainda menino, o Deus Hermes visitou-o dando-lhe o dom de criar fábulas. Quanto a isso, Dupont – sommer (*apud* OLIVEIRA, 2011) mostra outra versão para a criação dessa narrativa. Segundo o autor, a obra *L`Histoire d`Abigar* foi descoberta a partir de fragmentos araméens, encontrados na Índia, existindo, assim, narrativas com a mesma finalidade moralizadora daquelas histórias do escravo grego (Esopo), ou seja, ele alega que essas narrativas precedem as de Esopo. Portanto, as fábulas teriam nascido na Índia.

As fábulas indianas classificam-se como fábulas exemplares, dão o exemplo, característica que será seguida por diversos fabulistas. No Brasil, após ter percorrido terras



estranhas, como da Ásia Menor até Europa, com tanta sabedoria e belezas, lições e exemplos, a fábula chegou ao nosso país.

Segundo Sandroni (1987, *apud* OLIVEIRA 2011), a fábula da tradição foi trazida para o Brasil pelo autor Justiniano José de Rocha, em 1852, através do primeiro livro de fábulas publicado aqui em nosso país. Essa coleção continha narrativas de Esopo e La Fontaine. No entanto, com o decorrer dos anos, José Bento Monteiro Lobato toma as fábulas em suas mãos e lhes dão novas vestes, novos dizeres, outras vozes.

2.2 Conhecendo os principais fabulistas

Os fabulistas principais foram Esopo, La Fontaine e, aqui no Brasil, o Monteiro Lobato. Cada autor escrevia de acordo com sua época, conforme o pensamento das pessoas sobre a sua sociedade, o mundo, e o modo como vivem.

De acordo com Fernandes (2001), Esopo era um escravo grego que viveu no século VI a.C, escravos nessa época eram aprisionados para guerrear. Pois os povos se dividiam praticamente em dois grupos, estes são de um lado, os mais fortes e os do outro os mais fracos. Só que o grupo que perdesse a guerra era obrigado a se tornar escravo ou pagar impostos aos que ganhavam, então, como Esopo era esperto e inteligente, não concordava com certas ações feitas pelos mais fortes, muitas vezes aconselhava seu povo por meio de suas fábulas.

Jean de La Fontaine, escritor francês recriou as fábulas de Esopo, além de criar as suas próprias no século XVII (1600 – 1700).

Monteiro Lobato escreveu tanto para adultos quanto para crianças por volta de 1920 – 1940. Escreveu o livro *Fábulas* no qual recria as fábulas de Esopo, de La Fontaine e as suas próprias. Ele acreditava que devemos valorizar nosso povo, nossa terra e as coisas de nossa terra. Autor do *Sítio do Pica Pau Amarelo*.

3. O GÊNERO FÁBULA NA SALA DE AULA

Nesta pesquisa-ação tivemos como participantes alunos da Educação Básica, Fundamental II, (turma 7º ano), onde pudemos observar que alguns tinham vergonha de ler, outros, porém, por falta de motivação, não querem ler, nem estudar, muitos deles afirmam que só vão à escola por influência dos pais, mas, se dependesse deles, não iriam.



A Escola E. E. F. e Médio Rubens Dutra Segundo, está situada no Distrito de Catolé de Boa Vista – CG/PB, onde foi desenvolvida esta pesquisa. Um dia por semana praticamos a leitura dos textos literários, pudemos observar que estudar literatura não é simplesmente estudar os fatos históricos que delimitam o início e o fim de um determinado estilo de época, ou os nomes das obras e dos seus respectivos autores que, se pretendemos, realmente, ensinar Literatura.

Nesse intuito, objetivamos fazer fluir o valor estético do objeto “texto literário” em nossas crianças e jovens, no espaço da sala de aula, utilizando textos, em narrativas curtas, a exemplo das fábulas selecionadas para este trabalho, que são elas: “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato), “*Hierarquia*” (Mollôr Fernandes), “*O Leão e Rato*” (La Fontaine), “*A Cigarra e as formigas*”, versões de Esopo e Monteiro Lobato, tendo-as como objeto dessa pesquisa.

Tivemos como objetivo, nesta pesquisa-ação, analisar, de forma qualitativa, a abordagem do texto literário nas aulas de leitura literária na turma do 7º ano (fundamental II) na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rubens Dutra Segundo com a intenção de fazer fluir o gosto pela leitura literária dos alunos e estes de alguma forma instigar todas as outras turmas, a sua comunidade.

Para os estudiosos Soares (1999), Souza (2011) e Cosson (2006), o que promoverá o apropriação por parte dos alunos das noções, técnicas e instrumentos para o desenvolvimento de sua capacidade de expressão oral e escrita é o trabalho do educador criando contextos de produção, atividades múltiplas que sejam satisfatórias em todos os âmbitos da produção. E o procedimento ideal para o alcance dessa meta é o trabalho com sequências didáticas.

Cosson (2006), propõe em sua obra *Letramento Literário: teoria e prática*, que a abordagem do texto literário seja realizada, inicialmente, a partir de uma sequência básica, esta dividida em quatro etapas: • Motivação • Introdução • Leitura • Interpretação.

Falando de gênero e o ensino da língua podemos nos perguntar: existe um gênero ideal para ser trabalhado em sala de aula? Existe uma grande variedade de gêneros textuais, porém alguns gêneros são mais explorados pela escola, e o papel da sequência didática é de auxiliar o aluno a fazer uso de um gênero de texto em seu dia a dia e contexto social e devendo ser elaborada a partir de gêneros não dominados ou pouco conhecidos pelos alunos.

No primeiro passo, que é a motivação, Cosson propõe fazer um resgate do conhecimento prévio dos alunos; fazer uma leitura silenciosa do gênero a ser trabalhado, em nosso caso da fábula; em seguida, a leitura em voz alta feita por nós professores; cada aluno será incentivado a falar sobre o que acharam da fábula e fazer uma retomada das hipóteses levantadas pelos alunos.

No segundo passo – introdução – apresenta-se o autor e a obra a ser trabalhada. Para essa introdução escolhemos as fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato) e “*O Leão e o Rato*” (La Fontaine), justificando o objetivo da escolha dessas fábulas que são tão semelhantes e a importância das mesmas.

No terceiro e quarto passos – Leitura e Interpretação – o teórico propõe inicialmente uma leitura silenciosa individual, depois a leitura oral feita pelos alunos e a interpretação coletiva do texto em exercício através da produção do final desta, objetivando uma composição coerente e interpretativa dos alunos, pois leitura e interpretação caminham juntos, são dependentes. Como afirma Cosson (2006, p. 64 – 66):

O processo da leitura, que a interpretação parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade [...] A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. [...] é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. [...] As atividades de interpretação devem ter como princípio a externalização da leitura.

Para trabalharmos a interpretação proposta por Cosson (2006), além da recriação do final da fábula “*O leão e o rato*”, (La Fontaine), propomos a refabulação da fábula “*A cigarra e as formigas*”, (Monteiro Lobato). A palavra “refabulação” significa recriar uma fábula, na qual podemos mudar os personagens sem fugir do enredo, do espaço e do tempo em que ocorre a narrativa.

Diante do exposto proposto por Cosson (2006), colocamos em prática a sequência básica que resultou em um trabalho significativo para os alunos, conforme descreveremos e analisaremos a seguir. O trabalho desenvolvido seguiu as etapas propostas por Cosson: • Motivação • Introdução • Leitura • Interpretação, durante sete encontros de três horas/aulas, cada.

3.1 – Motivação



Iniciamos nosso trabalho fazendo um levantamento junto aos alunos das fábulas que eles conheciam. Após o diálogo com a turma, percebemos que a maioria dos discentes teve seu primeiro contato com as fábulas na escola.

Constatamos a importância do professor como mediador na promoção da leitura, como agente principal na interrelação entre o aluno e o texto. Percebemos ainda, que o conhecimento prévio sobre fábulas restringia-se a característica de que se trata de um texto que apresenta animais. Quando copiamos na lousa o título da fábula “*A cigarra e as formigas*”, duas alunas falaram que já tinham lido esta fábula, uma aluna leu a fábula de Esopo, que fala sobre as formigas que não ajudam a cigarra e a outra, logo acrescentou que a versão lida por ela falava o contrário, que as formigas ajudaram a cigarra.

Com essa participação das alunas, abriu-se um leque para o diálogo da turma, com os textos produzidos por autores diferentes em épocas distintas. Conversamos com os alunos sobre os fabulistas Esopo, Jean La Fontaine e Monteiro Lobato, destacando aspectos da realidade social e histórica em que viveram e a relação disto com o que escreviam. Dando prosseguimento, propomos aos alunos que, por meio de desenhos, representassem a fábula “*A cigarra e a formiga*” na versão que eles conheciam. Neste sentido, o objetivo com a atividade era de proporcionar aos alunos uma oportunidade de criação na qual pudessem resgatar as singularidades da fábula, de acordo com sua interpretação pessoal, ou ainda de sintetizar a sua compreensão em relação ao texto.

3.2 - Introdução

No segundo encontro com a turma, levamos para trabalhar as fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato) e “*O Leão e o Rato*” (La Fontaine). Antes de iniciar, fizemos uma breve revisão, maioria da turma participou. Em seguida, falamos um pouco sobre os autores, as obras e a importância das mesmas. Justificamos o objetivo da escolha dessas fábulas que são tão semelhantes. Os alunos lembraram e comentaram da aula anterior, disseram que foi muito boa. Após este momento de diálogo, pedimos que os alunos fizessem uma leitura silenciosa das fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes), “*O leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato). A atividade escrita desse encontro foi produzir um final para a fábula “*O leão e o rato*”, (La Fontaine).

3.3 - Início da leitura

Antes de pedirmos aos alunos que fizessem uma leitura silenciosa das fábulas a serem trabalhadas, retomamos o trabalhamos das aulas anteriores, uns cinco alunos comentaram o que aprenderam. Após esse resumo, iniciaram a leitura das fábulas “*Hierarquia*”, (Millôr Fernandes) e “*O leão e o ratinho*”, (Monteiro Lobato). Assim que leram, todos disseram que era a mesma fábula. A partir de então, começamos a perguntar por que eles achavam que era a mesma, responderam que era porque falava do leão e o rato. Com isso, instigamos a falarem sobre as semelhanças, as diferenças, a moral se tinha o mesmo sentido ou não.

Em seguida, com a turma dividida em grupos, se encarregaram de interpretar a fábula “*O Leão e o ratinho*” (Monteiro Lobato), através da produção do final da mesma, como foi feita na fábula “*O leão e o rato*”(La Fontaine), pois entregamos esta fábula aos alunos faltando o final para que assim os próprios grupos pudessem construir o final da história, sem conhecerem o final original da fábula de Lobato. Essa produção teve como objetivo a composição coerente e interpretativa dos alunos.

3.4 - Produção escrita e ilustração individual de uma fábula

Inicialmente propusemos a produção de uma fábula, a partir dos exemplos já lidos e discutidos em sala de aula. De início, disseram que não iriam conseguir, porque ler uma fábula já pronta é diferente de criar uma. Este fato revela-nos a maneira problemática que envolve o trabalho com a escrita na escola.

Começaram as produções, dois alunos ficaram conversando em voz alta, os demais pediram que fizessem silêncio para que, assim, pudessem criar suas narrações.

Quando terminaram, saíram vários personagens como, “*O cachorro e a cachorra*”, “*O carrapato e a pulga*”, “*O leão e o rato*”, “*O pássaro e o gato*”, “*O cachorro e o gato*”, “*O lobo e a cabra*”, “*O gato e o peixe*”, “*A lagarta e os pássaros*”, “*A cobra e o rato*”, “*O rato e a preguiça*”.

Após a produção escrita, pediram folha A4 para desenhar seus personagens, como já tinham feito na fábula “*O leão e o ratinho*”, trabalhada anteriormente.

O objetivo do dia foi alcançado, “a produção”, por meio da qual pudemos analisar se realmente entenderam o que é uma fábula.

3.5 - 5º Encontro – Reescrita

Após esses quatro encontros, tendo realizado duas produções escritas, a criação do final da fábula “*O Leão e o Rato*” (La Fontaine) e a segunda a produção de uma fábula, pedimos a reescrita da segunda, por ser uma criação deles, baseando-se no que aprenderam sobre fábulas, depois de toda uma contextualização. Objetivamos com essa reescrita a melhoria de aspectos microtextuais como a ortográfica e macroestrutural (a coerência), para que cada vez mais possam melhorar em suas futuras produções.

Após a segunda correção, constatamos que quase todos os alunos melhoraram significativamente em relação à primeira escrita. Podemos atribuir essa melhoria ao planejamento das aulas que buscamos através de atividades contextualizadas, ajudar melhor no entendimento dos alunos.

3.6 - 6º Encontro - Refabulando a Fábula A cigarra e a formigas (Esopo)

A atividade proposta para este encontro foi recontar a fábula “*A cigarra e as formigas*”, (Esopo). Mudando os personagens, o espaço onde ocorre e o enredo.

Escreveram ótimas narrativas, para eles que disseram não saber, produziram textos surpreendentes. Ficaram lisonjeados com nossas palavras, motivando-os a refabular a fábula “*A cigarra e as formigas*”, (Esopo). Começaram a escrever. Todos fizeram, alguns mudaram o enredo, outros ficaram mais presos à sequência de fatos do texto original.

3.7 - 7º Encontro – Reescrita da refabulação da narrativa “A cigarra e as formigas”

Neste encontro convidamos os alunos a fazer a reescrita da fábula recriada a partir da narrativa “*A cigarra e as formigas*”, assim como foi reescrita a primeira produção.

Após esse momento de reescrita, gentilmente, instigamos que lessem em voz alta sua narrativa recriada.

Por fim, perguntamos à turma, o que eles tinham achado de termos trabalhado esse gênero, com essa proposta de leitura com essas atividades.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



Avaliamos como positivo esse período que passamos trabalhando com as fábulas, apesar de algumas dificuldades encontradas, tais como: a falta de prática de leitura literária por parte dos alunos, a falta de interesse por parte da grande maioria, entre outros.

Diante da falta de incentivo para a formação de leitores, percebemos a importância da preparação de uma sequência didática bem elaborada, com momentos lúdicos, motivacional, que prenda a atenção do aluno e o faça perceber a importância dessa.

Cabe a nós, professores, criarmos métodos, estratégias, inovações para adequados para o incentivo dos alunos a leitura literária. Vamos buscar instigar nossos alunos a pesquisar textos literários nesse meio social tão inovador.

Nos baseamos em uma sequência didática elaborada por Cosson (2006), que começa com uma motivação, por isso, mesmo em meio a tantos obstáculos, se encontrarmos outro caminho, por mais longe que seja, chegaremos onde pretendemos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta de estudar o gênero fábula, até então pouco conhecido pelos alunos, representou, num contexto geral, exitosa, pois os alunos se envolveram com as nossas aulas e a maioria produziu seu texto de acordo com a estrutura do gênero, salientando que, para uma turma de 7º ano, adolescentes em desenvolvimentos e descobertas, ficaram bem acima do que esperávamos. Acreditamos que o bom desempenho dos educandos deveu-se principalmente ao planejamento realizado com base nas etapas proposta por Cosson.

Consideramos que a leitura e a escrita caminham juntas no processo de ensino-aprendizagem, o gênero literário “Fábula,” que trabalhamos nessa pesquisa resgatou nos alunos momentos de relaxamento e distração, pois são histórias de ficção que fazem esquecer um pouco a vida sofrida que levam no dia a dia e muitas ficções estão relacionadas com suas vidas, requer dos mesmos, empenho e dedicação na busca de melhor desempenho nas atividades leitoras propostas, pois os alunos são capazes de desenvolver habilidades e competências de leitura e produção textual.

Concluimos que o texto literário, sem perder a sua condição de objeto estético, pode se constituir em uma possibilidade de reflexão sobre alteridade na educação básica, tornando as aulas de leitura literária um espaço de discussão e respeito social, político e cultural.



REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: SOUZA, R. J. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: Difusão Cultural, 2004.
- BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Ática, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Médio: linguagens códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2001.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FERNANDES, Mônica Terezinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com gêneros do discurso: narrar: fábula**. São Paulo: FTD, 2001.
- Livro Didático - **Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem** de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2012.
- MAIA, Joseane; **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Angélica de. **Caminhos da Fábula: literatura, discurso e poder**. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- PASSOS, Marta. **Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura de literatura na formação da “comunidade de leitores”**. Minas Gerais: UFMG, 2007. (Tese de Doutorado em Educação.)
- PINHEIRO, Cônego Joaquim Caetano Fernandes. **Curso elementar de literatura nacional**. 2 ed. Rio de Janeiro-RJ: Garnier, 2001.
- SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Pernambuco: UFPE, 2003. (Tese publicada em Anais do Evento PG Letras 30 Anos Vol. I (1): 514-527)
- SOARES, Magda. O que é letramento. In: **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2009, p. 15-24.
- _____. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia(orgs.). **A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SOUZA, Renata Junqueira, FEBA, Berta Lucia Tagliari (org).Prefácio Leitura literária para crianças brasileiras: Das fontes às margens.In.: **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2011.